

T: Isilda Sanches

:52

■ Foi um dos protagonistas do *Rapública*, em 1994, e desde então tem permanecido dedicado à causa. Depois de anos de militância *underground*, gravou o primeiro álbum, *Manda Chuva*, em 98, o segundo *Rimar contra a Maré*, em 2002 e lança agora *Ritmo Amor e Palavras*. O homem que conseguiu atenção fora dos limites naturais do *hip hop* com uma música chamada *Anda Cá Ao Papá*, apresenta os argumentos para lá das ideias feitas e explica porque é que diversidade da sua música é, e sempre foi, uma questão de coerência, logo, de identidade.

:53

Como um dos protagonistas da cena *hip hop* nacional, que balanço faz destes 10 anos "oficiais" do género?

Tento ver as coisas pelo lado positivo, o copo meio cheio, em vez de meio vazio. O que está a acontecer em Portugal não é diferente do que aconteceu noutros países. Estamos no fim da adolescência, muito próximos da idade adulta. O *Rapública* foi natural na altura em que foi feito e nem sequer posso dizer que naquele momento foi visto como *hip hop*. Na época, foi a música certa na altura certa, foi visto como uma moda, e o tempo acabou por esclarecer quem estava lá por moda e quem estava lá pelo *hip hop*. Mas hoje o *hip hop* em Portugal goza de boa saúde, já há muito mais meios técnicos. Esta revolução digital tornou as coisas muito mais democráticas, porque hoje em dia, com um computador, temos acesso a meios que na altura só estavam disponíveis para artistas de topo... Também acho que mais quantidade não significa mais qualidade. Já há projectos com pés e cabeça e aos poucos já se come-



çam a sentir as tendências para que, daqui a uns anos, se possa de facto falar em *hip hop* português. Onde eu me insiro?... eu tento desde sempre ser coerente. Creio que muitas vezes fui mal interpretado porque deixei de ter preconceitos em relação ao *hip hop* desde muito cedo e acredito que essa é a real força do *hip hop*, reciclar e reinventar. Havia muita coisa de que eu falava que, na altura, era tabu, e agora já não é (sorri) e muitas das pessoas que torceram o nariz a coisas que eu fiz, principalmente falar do amor, agora fazem exactamente o mesmo... acho que o caminho é por aí. Não estamos no lugar ideal para o *hip hop*, mas as coisas estão muito melhor... já há revistas, sites, espectáculos, já há um movimento...

E as pessoas compram os discos?

No meu caso não me posso queixar. O *Manda-Chuva* vendeu 9 mil cópias em 98, o que é muito bom. O *Rimar Contra a Maré* chegou a prata em 2004, mas também tenho a noção de que a prata de 2004 equivaleria a um ouro em 98, porque hoje em dia os miúdos têm acesso à Internet, copiam o CD, fazem o *download*... a música está muito mais difundida, mas vende-se menos. Chego a mais lados e mais pessoas, mas depois não vendo assim tanto...

Como é que isso se compensa, é pelos concertos?

Sim, mas no meu caso específico, porque só vivo da música, o que me paga as contas é mais a minha faceta de produtor do que a de artista em nome próprio...

Apesar dos discos venderem pouco, as festas e os concertos de *hip hop* têm ganto?

Na verdade o meu circuito é mais generalista, é o circuito dos festivais e discotecas, para mim é uma vantagem porque tenho o pessoal do *hip hop*, que vai porque é *hip hop* e curte, e o outro que se calhar não vai às festas de *hip hop*...



O HIP HOP COMPENSA

'RITMO, AMOR E PALAVRAS' É O SEU
NOVO ÁLBUM DE BOSS AC. AO
DN:MÚSICA FALOU SOBRE O DISCO,
COLABORAÇÕES E 'HIP HOP' NACIONAL

Numa das faixas do novo disco uma das rimas diz "não é por eu ter contrato que és mais real do que eu"...

As pessoas a quem se destina essa boca vão perceber o que quero dizer. Eu já estou no *hip hop* há muito tempo, desde o início e mesmo antes de haver *Rapública* eu já tinha um nome no *underground*, era quase que idolatrado, sem querer parecer imodesto. No momento em que eu gravo um disco, as mesmas músicas que antes as pessoas adoravam, caíram em desgraça porque, como tinha contrato era comercial e já não era tão bom. É esse tipo de preconceito que eu quero combater! As pessoas amadurecem, eu já não tenho 18 aninhos, tenho 30, já não tenho idade para estar sentado no jardim toda a tarde, a fazer *freestyle*... Não é que eu não goste, mas a vida muda e isto é a minha vida, eu pago contas com isto! Não me prostituo, porque isto é minha música e não abro mão dos meus valores, acima de tudo tenho que me satisfazer a mim mesmo, ficar contente com o que faço. Dai eu dizer essa frase... aliás, eu começo essa música a dizer que "a inveja é um sentimento muito feio, mete na cabeça que não estamos aqui a competir num torneio"! Mas cada vez sinto menos resistência e é preciso ver que estamos a falar de uma pequena minoria na cena *hip hop*. Quando saiu o *Manda Chuva* tive algumas críticas do pessoal do *underground* que não gostou muito dos meus *beats* mais dançantes e das canções sobre mulheres. Mas ao fim deste tempo todo, já está toda a gente a fazer o mesmo, por isso fico contente. Eu mantenho-me coerente, apesar de já ter sido acusado de querer agradar a gregos e troianos. Ora é precisamente o contrário, eu quero é agradar a mim mesmo...

'MANTENHO-ME COERENTE. JÁ FUI ACUSADO DE QUERER AGRADAR A GREGOS E TROIANOS, MAS QUERO É AGRADAR A MIM MESMO'

De...), a primeira versão não tem nada a ver porque não tem rock nenhum, era uma cena *underground hip hop* e depois quando estava em estúdio comecei a sentir a linha de rock e pus a guitarra, e depois a bateria e quando dei por mim estava mais rock do que rap, mas gostei! ficou!

E os Madredeus? São o grupo português com maior projecção, serão uma forma de chegar a outros públicos?

Não sei...quer dizer, são a banda com maior projecção, mas não sei se há uma zona comum entre mim e o público os Madredeus e até pode ser que haja, não sei. Mas não foi essa ideia... eu sempre adorei aquela música e já tinha feito o instrumental, mas sabia que não era qualquer letra que batia em cima daquilo, não ia fazer aquilo a dizer "anda cá ao papá"! Tinha esta

:o disco



BOA VIBE

'HIP HOP', 'R'&'B', ROCK... 'RITMO, AMOR E PALAVRAS' CONSTRÓI-SE EM VOLTA DAS MAIS VARIADAS FACETAS E COM DIFERENTES PERSONAGENS: DOS DA WEASEL A TROY HIGHTOWER, O REFLEXO DO QUE REALMENTE É O 'HIP HOP' PORTUGUÊS, FEITO NESTE ANO DE 2005.

O novo disco tem r'n'b, uma canção dedicada à avó, rock pesado, faixas com Sam the Kid, Da Weasel, Pos dos De La Soul... Houve um esforço no sentido de jogar em todas as frentes?

Não, eu não me esforço, sou naturalmente assim. Não me sento a pensar que tenho que fazer músicas desta ou daquela maneira. Fiquei muito esgotado com o *Rimar Contra a Maré*, foi um disco muito pessoal, acho que me expus muito e não queria voltar a fazer o mesmo. Essa era a única ideia clara que eu tinha, tudo o resto surgiu à medida que fui compondo. Tudo o que está no disco, por mais diverso que seja, sou eu. Talvez por vir de uma família de músicos sempre tenha sido fácil para mim ter um gosto muito abrangente... É a mesma conversa do ser cabo-verdiano ou português... Sou os dois!

Mas também está em sintonia com o que é a lei actual do hip hop. O novo disco tem praticamente todas as encarnações possíveis do hip hop, pelo menos as mais visíveis...

Isso não acontece por outra razão que não o facto dessa sempre ter sido a minha postura. As coisas foram acontecendo... por exemplo, o *dancehall* (*Original Riddim*) veio depois já de o álbum estar feito, eu tinha a ideia e queria fazer aquilo com um jamaicano e já depois do álbum estar feito, através do Troy (*Hightower*, que misturou o disco) conheci o Konscious e resolvemos fazer uma brincadeira. Já tinha o instrumental, só tivemos que nos sentar e fazer a coisa. Não foi calculado, foi espontâneo, da mesma forma que, quando chamei o Sam The Kid, não tinha uma ideia muito clara do que iam fazer. Aliás foi isso que aconteceu com todos os convidados, porque eu não quis apresentar às pessoas o trabalho já todo feito... com os Da Weasel foi o mesmo, quis fazer uma simbiose entre os nossos dois universos. O tema rock (*Farto*

letra especial, sobre Deus e a primeira vez que a cantei sobre a música tive a noção de que funcionava. Através da editora cheguei ao Pedro Ayres Magalhães e estava cheio de medo, porque se eles dissessem que não, aquela música morria ali, já não a imaginava com outro instrumental! Ainda por cima toda a gente dizia que eles não iam dar autorização... Mas eu decidi ir em frente e acabei por receber um *mail* dele a dar-me os parabéns! E fez-se luz!

Ao fim destes anos todos, em que área sente ter melhorado mais, na de produtor ou na de MC?

Gostava de pensar que melhorei em todos os sentidos... Mas é óbvio que hoje tenho uma autonomia que não tinha, tenho os conhecimentos técnicos, os meios, a experiência. Mas, há uns anos não passava um dia sem escrever, hoje em dia passo meses sem escrever, porque prefiro escrever menos e melhor, não escrevo nada à toa, não há neste disco uma única rima ao acaso, todas as palavras estão ali porque fazem sentido. Nisso mudei muito, escrevo menos, mas acho que escrevo melhor e como também já tenho uma certa facilidade nos beats, às vezes as coisas saem tão facilmente que até é estranho, mas acho que é natural... a máquina está oleada.

Como foi trabalhar com o Pos dos De La Soul? Foi muito importante, foi um orgulho! Eu levei para Nova Iorque as músicas todas já feitas e as únicas que gravei lá foi essa do Pos e o *dancehall*. Lembro-me de estar a ver o Troy explicar a música ao Pos e ele a ouvir os beats. Abanava a cabeça e dizia "não percebo nada do que ele diz mas isto está muito bom!". Depois ainda telefonou a dizer que gostou da música... Enche-me de orgulho, e devia orgulhar também a cena *hip hop* nacional, porque alguém daquí trabalhou com uma das maiores lendas do *hip hop*! ■■

■ O que é o hip hop em 2005? Batidas adesivas e grooves funky? Produção arrojada e experimental? Rimas conscientes? Palavras melosas? O hip hop rocka ou tem coreografia e patrocínio? Tem jogo de cintura e baixos gordos? É sujo e duro, ou cultiva a pose? E *underground* ou é comercial? O hip hop em 2005 é tudo isso e aquilo que ainda nem percebemos. O hip hop hoje é um género culturalmente dominante, onde se confunde o *underground* com o comercial e onde o sucesso com toda a certeza corrompeu alguns, mas também deu oportunidade a outros de viverem com aquilo que provavelmente fariam, houvesse ou não dinheiro envolvido. Boss AC é um dos protagonistas da cena nacional e se quisermos estabelecer um (exagerado) paralelismo entre o nosso pequeno Portugal e o grande gigante do hip hop que são os Estados Unidos (com aliados europeus como França e Alemanha), Boss AC é dos activistas pioneiros que consegue fazer do hip hop uma vida, mas à escala de um país onde nas suas próprias palavras, "o hip hop está a sair da adolescência". É lhe dada atenção, mas ainda não se lhe reconhece muita credibilidade. *Ritmo, Amor e Palavras*, o terceiro álbum de Boss AC é um espelho de tudo aquilo que faz o hip hop em 2005, do r'n'b açucarado (*Boa Vibe*), ao *dancehall* incisivo (*Original Riddim*), do rock pesado (*Farto de...*) ao groove esquizóide (*Só Vês o Que Queres Ver*, com os Da Weasel), do refrão certeiro (*Hip Hop*) à métrica mais complexa (*Tuga Night*, com Sam The Kid), do sample imediato (*Que Deus*, com um sample d'O Pastor dos Madredeus) à colaboração com a lenda (*Yo*, com Pos dos De La Soul), sem esquecer o tributo às origens cabo-verdianas (*Sabim*). Seria de esperar que tanta dispersão estilística fosse fatal, mas não o é, e acaba por confirmar os dotes de Boss AC como produtor e MC e por ser extremamente eficaz. Boss AC é irrepreensível nas letras e bastante inspirado nos instrumentais, soube rodear-se de gente e o facto de estar habituado a produzir trabalhos de outrém ajudou-o a tirar dos colaboradores o que mais lhe interessava. Se o hip hop tem de facto alguma expressão em Portugal, Boss AC terá toda a atenção e sucesso que merece. ■■

BOSS AC
Ritmo, Amor e Palavras
NorteSul
★★★★